

BUSCANDO A SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ACADÊMICO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL¹

André Luis Ramos Soares²

Jedson Francisco Cerezer³

Eduardo Perius⁴

Jéssica Fernanda Arend⁵

Resumo

Este artigo relata o projeto de pesquisa da confecção da cerâmica arqueológica Guarani, através da reprodução da cadeia operatória conhecida a partir das análises arqueométricas e das fontes históricas e etnográficas. Buscamos compreender os processos de seleção das matérias primas, utilização de antiplásticos, bem como as técnicas utilizadas na produção e garantia de resultados semelhantes aos artefatos advindos de sítios arqueológicos. Através da cadeia produtiva e suas técnicas, criar réplicas que possam ser levadas a queima e experimentações com peças inteiras. As etapas de fabricação das vasilhas inteiras foram ofertadas à comunidade Guarani Mby'a, a fim de possibilitar o uso destas práticas para geração de renda e perceber se a mesma faz o reconhecimento das formas tradicionais de cerâmica.

Palavras-chave: Arqueologia Experimental; Comunidade M'byá Guarani; Socialização do Conhecimento;

Resumen

En este artículo se informa del proyecto de investigación para la realización de cerámicas arqueológicas guaraní a través de la cadena operativa conocida a partir

¹ Trabalho apresentado do II Congresso de Arqueologia de La Cuenca de La Plata, San José de Mayo, Uruguai. Este trabalho foi revisto por avaliadores para este formato.

² Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM – Brasil.

³ Doutorando em Quaternário e Cultura Material, Universidade de Trás-os-Montes e Alto D'Ouro – UTAD, Portugal.

⁴ Acadêmico do Curso de História, UFSM.

⁵ Acadêmica do Curso de História, UFSM.

de cer análisis arqueométricos y fuentes históricas y etnográficas. Buscamos entender cer procesos de selección de cerâmica primas, ce uso de anti-plástico, así como cer técnicas utilizadas en ce producción y cerâmica de resultados similares a cer artefactos que surgen de cer cerâmi arqueológicos. A través de ce cadena de producción y cer técnicas, crear réplicas que se pueden hacer para quemar y experimentos con piezas enteras. Las etapas de fabricación de vasijas completas fueron ofrecidos a ce comunidad Mby'a cerâmic con ce fin de permitir ce uso de estas prácticas para generar ingresos y darse cuenta si ce ce reconocimiento de cer formas tradicionales de ce cerâmica.

1. Breve introdução à cerâmica

Os povos sem escrita deixaram a sua história em seus vestígios materiais. Entre estes, a cerâmica conta grande parte da história dos indígenas, pois além dela ser duradoura é também uma inovação tecnológica, se considerarmos a história da humanidade. Desta forma, esclarecemos que a cerâmica Guarani recebe este nome "Guarani", não por pertencer a uma tribo específica, mas sim, pelo fato de que os pesquisadores atribuem uma séries de características tecnológicas e funcionais aos antepassados dos índios que pertencem ao grupo linguístico Guarani. Isso é confirmado por Kashimoto, "no sentido étnico, nunca existiu uma unidade étnica autodenominada Guarani. Esse termo é próprio da linguagem técnico-científica para designar uma língua indígena e não um ou mais povos indígenas." (Kashimoto e Martins, 2008, p. 152)

Para uma compreensão da terminologia aplicada a cerâmica e as culturas indígenas, devemos afirmar a priori que os indígenas pertencem ao tronco linguístico Tupi, enquanto a família linguística é o Tupi-guarani, sendo a identidade étnica os auto-denominados Guaranis, com suas parcialidades, conforme proposto por Soares (2002), entendendo ainda que dada a ligação inequívoca entre os antepassados destes grupos e para a cultura material, são os artefatos produzidos pelos antepassados Guaranis (CEREZER, 2011).

Há uma enorme discussão sobre os modelos interpretativos da origem deste povo. Um deles se apoia:

em valores culturais reduzidos a objetos num período marcado pelo “fóssil diretor”, explicando a dispersão” dos grupos humanos pela seriação cerâmica, sugerindo uma trajetória abalizada pela “degeneração” da qualidade “técnica” aplicada à cerâmica que viveu um período áureo com a cerâmica pintada, vindo a sofrer regressões técnicas, passando pelo “corrugado” até seu fim com a chegada do europeu colonizador num período com a técnica do “escovado”. (CEREZER, 2011, p. 9).

Enquanto o outro modelo busca estabelecer:

suporte nas raízes etnohistóricas para construir uma nova retórica em favor dos “Guaranis pessoas”, abandonando o “Guarani objeto”, apontando para uma ocupação dinâmica do território, em espaços manejados, com controle dos ciclos naturais, onde o material cerâmico tem forma e função conhecida dentro de uma sociedade complexa. (idem, p.9).

Para a dispersão e o centro de expansão dos povos indígenas, iremos dar destaque a Lathrap e Brochado, por suas teorias serem as mais aceitas atualmente, na qual Lathrap baseia-se na distribuição geográfica das línguas. Já Brochado, fundamenta-se na filogenética e provas arqueológicas, e a partir daí, cria uma diferente hipótese para a dispersão dos povos citados, adotando o termo “enxameamento”.

Brochado (1989: 80) fala sobre a ocupação territorial tipo “enxameamento” sendo essa uma espécie de manejo ambiental, um comportamento social organizado, visto que a área a ser ocupada era preparada e os grupos só partiriam em caso de aumento demográfico, ocupando as fronteiras da área manejada, iniciando, consecutivamente, o processo de inserção das espécies vegetais necessárias à comunidade. (ibidem, p.28)

Para explicar esta dispersão de forma mais específica, conforme Cerezer (2011), “Brochado trata o material cerâmico com outro olhar, valorizando a forma, tratamento de superfície, funcionalidade, bem como os contextos arqueológicos e culturais somados as informações históricas, etnográficas e linguísticas”. Cabe ressaltar que Brochado propôs o seu modelo a partir das seguintes características observadas na arqueologia pré-histórica:

“1) distribuição geográfica histórica dos falantes Tupi; 2) relação genética entre as línguas do tronco Tupi; 3) distribuição geográfica das cerâmicas arqueológicas da Tradição Policroma Amazônica (TPA); 4) distribuição geográfica e temporal das datações das cerâmicas da TPA.” (NOELLI, 2008. p. 23)

As ideias de Donald Lathrap estabelecem um modelo no qual a Amazônia central seja o berço destas sociedades, baseando-se na hipótese do crescimento contínuo da população e conseqüente pressão demográfica, que assim possibilitou a expansão, como afirma Noelli:

“Lathrap propunha a Amazônia central como o ‘berço de sociedades complexas e foco da difusão cultural’ (viveiros de Castro, 2002:329). o pilar da teoria de Lathrap é a hipótese de que o aumento contínuo da pressão demográfica no centro da Amazônia resultou num permanente e centrifugo êxodo populacional em várias direções, atingindo áreas distantes e dispersando artefatos e práticas agrícolas criados no interior da Amazônia.” (NOELLI. 2008. p. 24)

A partir daí Brochado (1973b:10) propõe que a justificativa para a uniformidade da cerâmica dos antepassados dos grupos Tupis seria que uma das migrações foi em direção à leste até o litoral atlântico, descendo toda a costa até o litoral de São Paulo, enquanto outro grupo descido as nascentes do rio Paraná até chegar ao Rio da Prata. Esta proposta justificaria, em primeira análise, o parentesco morfológico e decorativo das cerâmicas da Tradição Tupi-Guarani. Ressaltamos ainda, que Brochado fez seu doutoramento em Illinois, orientado por Lathrap.

Neste sentido, pela cerâmica ser um dos principais vestígios representantes dos Guaranis, ela se torna um foco de estudo valorizado por estes pesquisadores e outros da mesma área. A partir destas pesquisas foi possível caracterizar a cerâmica Guarani pelos seguintes aspectos: vasilhas com boca de contorno redondo, formas geralmente fundas, as bases são predominantemente cônicas nos vasos médios/grandes e arredondados nos vasos pequenos. Na arqueologia, já foram identificados os seguintes vasilhames da cozinha indígena: *cambuchi caguabã*, que seriam os nossos referidos copos ou taças; *yapepó*, que eram utilizadas como panelas; *ñaetá*, possuíam a mesma funcionalidade das atuais caçarolas; *ñamopyú*, que é o torrador; o *cambuchí*, que é a talha ou cântaro; e há o *ñaé* ou *ñaembé*, utilizados como pratos. (Kashimoto e Martins, 2008)

Neste aspecto, cabe identificar também, além dos formatos, as formas de tratamento de superfície das vasilhas. Neste sentido, encontramos tratamentos que são apenas decorativos, e também os que ajudam a montar e tornar a vasilha mais resistente. Tratamentos decorativos: alisado, pintado, escovado e unglado. E há o corrugado, que muitas vezes já foi entendido como decorativo também, mas hoje sabemos que era usado como método construtivo da vasilha. Existem mais categorias de tratamento, porém, estas são em menor número.

Conforme Noelli (2008) verifica-se que as vasilhas de tratamento corrugado, são geralmente as que vão ao fogo (panelas e caçarolas); o alisado (pratos, copos e

talhas); o unglado (percebido apenas nas vasilhas menores, como exemplo, podemos citar os pratos); e as peças pintadas (talhas e copos), são encontradas nas vasilhas que não vão ao fogo após receberem os referidos tratamentos. E existem peças onde alguns tratamentos encontram-se associados.

Albuquerque (2008), fala sobre a cerâmica guarani e o seu reconhecimento, de tal maneira que observa o quanto é importante o formato de uma vasilha para associar a mesma, a cultura guarani, destaca ainda que mais importante que reconhecer o formato de um vasilhame guarani, é saber caracterizar o lado “humano” da cerâmica, pois se não fosse alguém ter feito, ela não existiria, e se alguém não fosse usá-la, ela não teria funcionalidade.

Muito provavelmente seja a forma o primeiro elemento que chama a atenção, seguindo-se de imediato a decoração, a técnica que se espelha através da textura, da coloração. Seria o conjunto de tais características que levariam a se identificar aquela cerâmica. Mas o fundamental seria caracterizar-se quem as fabricou, quem as usou, como as usou. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 67).

A cerâmica de contato é outro vestígio que diz respeito à parte da história indígena, pois após a chegada do europeu à América, a vida indígena sofreu alterações, podemos ver isso desde em livros e escritos dos primeiros portugueses até nas modificações percebidas nas cerâmicas de sítios arqueológicos, devido as trocas culturais estabelecidas entre os dois grupos.

Soares (1997) propõe uma unidade e continuidade da organização social dos grupos Guaranis no período pré-contato com o europeu. Segundo o autor, o Guaraní do período pré-contato mantiveram-se reproduzindo com uniformidade a cerâmica, assim como a tecnologia de alimentação e captação de recursos, atestados por mais de dois mil anos pelas datações radiocarbônicas dos sítios arqueológicos. A cerâmica permanece sem mudanças significativas ao longo do tempo e do espaço. (Zuse; Milder. 2008. p.2).

Torna-se importante ressaltar a ausência de linguagem escrita dentro da cultura indígena, sendo seus valores e ideais repassados aos descendentes através de bens de natureza material e da linguagem falada. Atualmente, percebe-se que o “saber fazer” indígena relacionado à confecção da cerâmica foi perdido devido a vários fatores, e os atuais guaranis não dominam mais a arte da olaria. E devido ao domínio do branco sobre estes, acabam por tornarem-se grupos excluídos da sociedade. Assim, o curso tem o objetivo de empoderar novamente o grupo Mbyá Guaraní das cidades de Santa Maria e São Miguel das Missões - RS, a partir da

socialização do conhecimento acadêmico sobre a cerâmica, dando a eles independência, renda econômica e até mesmo restauração de sua autoestima.

Por isso o caráter pertinente do curso, que busca desenvolver a cerâmica pertencente à cultura Guarani, criando a possibilidade dos mesmos de preservar sua memória e garantir que esta seja lembrada não apenas pelo seu, mas também, pelos demais grupos sociais, como também uma forma de obtenção de renda. Essa memória, devido às trocas culturais decorrentes entre europeus e índios que ocorreram de diversas formas “através das expedições de reconhecimento das terras, da *encomienda*, das bandeiras de apresamento indígena, e das Reduções Jesuíticas” (Zuse; Milder, 2008), provocou um determinado nível de apropriação e as vezes, modificação de elementos da sociedade branca, cujo processo causou mudanças principalmente nos estilos de vida e na cadeia operatória da cerâmica, que passou a ser denominada pelos estudiosos como cerâmica de contato. No Brasil são encontrados vários vestígios em sítios arqueológicos, representantes destas mudanças, principalmente nas características arqueométricas e modo de fabricação cerâmico indígena, onde as principais diferenças descobertas são a presença de vasilhas com fundo plano e algumas feitas com auxílio de torno.

O universo tecnológico de um grupo está em constante interação com os domínios social, simbólico, religioso, político ou econômico desse grupo, dentro de uma totalidade social. A tecnologia pode ser transformada a partir da modificação em qualquer um desses universos que se apresentam em constante influência recíproca, sendo um processo tradicional e ao mesmo tempo dinâmico, na medida em que as normas vigentes e as técnicas tradicionais são suscetíveis a mudanças de diversos níveis, e toda sociedade não é estática, mas se transforma culturalmente no espaço e no tempo. (Zuse; Milder. 2008, p.6).

Além das modificações sofridas no procedimento de constituição das vasilhas cerâmicas, outro fator que tende a ser considerado é o abandono do material típico da cultura indígena “barro cozido” pela introdução de recipientes metálicos que possuem maior resistência e eficiência na sua funcionalidade. Portanto, trata-se de uma substituição das peças de cozedura e armazenamento de alimentos a partir de sua composição material que conseqüentemente levou os grupos indígenas a uma perda progressiva de parte de sua identidade. Como o processo de fabricação de materiais cerâmicos exige tempo, conhecimento, fatores ambientais propícios e matéria prima disponível, este acaba se tornando um artesanato de difícil produção

e foi substituído gradativamente pelos produtos feitos a partir de fibras vegetais, como a arte da cestaria e animais cunhados em madeira para a venda.

Cabe ressaltar que a história Guarani é marcada por interpretações erradas e histórias vagas, onde acaba não se dando o verdadeiro valor sobre essa cultura, sobre este grupo humano, seu material cultural e sua língua. E conhecer todos estes valores é um dos objetivos da Arqueologia experimental, que a partir dos estudos em campo e da experimentação, possa conhecê-los ainda mais:

Assim é, que até hoje não tínhamos trabalhos de fôlego sobre a experimentação em cerâmica Guarani. Considerado o maior “fóssil-guia” desta cultura, a cerâmica sempre foi tratada de forma extrema: ou uma prova da passagem dos índios, ou um amontoado de características físico-químicas, ou como elemento tecnológico reduzido ao binômio forma-função, algumas poucas vezes como espelho das crenças mitológicas e menos ainda como resultado da perícia da artífice indígena, a mulher Guarani.” (SOARES In.: CEREZER, 2011)

A partir do trabalho de um dos autores (Cerezzer), foi possível realizar um curso de produção de cerâmica para indígenas Mbyás, que trataremos a respeito ao longo deste artigo. Cabe-se ressaltar que entre os grupos étnicos Guaranis que temos conhecimento estão os Mbyás, os Ñandevas e os Kaiovás.

No que diz respeito aos grupos étnicos Guaranis, hoje temos conhecimento da existência de três grupos, os *mbyás*, os *ñandevas*, e os *kaiovás*, (Soares, 2002:12; Noelli, 1993:32) que também podem ser chamados de sub-grupos, (Suhrbier e Ferreira, 2000:212). Essas parcialidades apresentam, além das diferenças étnicas e culturais demonstradas por Soares e Garlet (1998), dialetos próprios, apontados por Rodriguez (1984;1985), que os classifica em Mbyá, Ñandeva (Txiripá) e Kaiwá (Kagová Pãi). (CEREZER, 2011. p. 15)

2. O que é a arqueologia experimental

A arqueologia experimental é um importante meio para a compreensão dos modos de produção, interações e relações familiares, sociais, religiosas e econômicas dos povos que não desenvolveram a escrita, possuindo outros meios de comunicação além da fala, como a comunicação gestual, visual (pinturas corporais e rupestres) e também pela sua cultura material. A arqueologia experimental pode ser entendida como os estudos que

[...] consistem na tentativa de reprodução experimental das técnicas utilizadas pelas culturas originais para a confecção de seus artefatos e, através da observação do processo de produção e do resultado final,

permitir uma análise mais completa dos artefatos originais em laboratório, já que será agregado um conhecimento empírico ao teórico. (BELLETI; et al. 2013. p.1).

Como os estudos relacionados aos materiais provindos de sítios arqueológicos geram conhecimento acerca das populações que os mesmos representam, buscam-se através de experimentos com matéria-prima semelhante, técnicas e cadeias operatórias, originar um produto final com características muito próximas daqueles produzidos no passado, garantindo um maior entendimento em torno da sociedade que produziu este material. Desta forma, como descrito em Oliveira (2012), muito pouco se sabe em relação à confecção dos materiais arqueológicos, por não conhecermos a reconstituição do processo de produção que os provocou, assim, havendo lacunas e vazios nas análises sobre a cultura material das sociedades humanas. Podemos ainda complementar este assunto com Cerezer (2008)

A experimentação arqueológica surge como um complemento aos estudos tradicionais ligados a cerâmica, como arqueometria, seriação e tipologia. Em nenhum momento pode substituir um ou outro método de análise, antes possibilita criar hipóteses a ser confirmadas, levantando questões ao passo que os problemas vão sendo repensados. (CEREZER, 2008, P. 37)

Um dos principais objetivos da arqueologia experimental “[...] es generar informacón básica y a su vez examinar los procesos que ocurren en distintas situaciones arqueológicas por medio de la reproducción y la replicación experimental”. (THOMAS In. NAMI, 1997 - 1998). E conforme Belletti (et. al, 2013), pretendemos através da arqueologia experimental pensar a relação do homem pré-histórico, com a produção de seus artefatos e o seu vasto conhecimento que gerou objetos de qualidade na cerâmica indígena. Desta forma, a partir do conhecimento obtido com a arqueologia experimental no meio acadêmico, além de entender estas civilizações passadas, temos o objetivo de socializar este conhecimento aos nossos atuais indígenas por meio do curso de cerâmica.

3. O curso de Cerâmica Guarani

Entre os dias 21 e 24 de maio de 2013 o Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – NEP, projeto institucional e grupo de pesquisa (CNPq) vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, ofertou, em co-promoção com o Colégio Técnico Industrial - CTISM, com o Instituto Terra e Memória (ITM- Portugal) e com apoio da

Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT- Portugal) um curso sobre produção de réplicas de cerâmica arqueológica atribuída aos antepassados dos índios Guaranis. Um dos autores, Cerezer, ministrou nestes dias um curso sobre produção de cerâmica para índios Guaranis, advindos das áreas de São Miguel das Missões, Santa Maria e outras cidades próximas.

Embora pareça inusitado, a oferta de um curso de cerâmica para os Guaranis atuais é pertinente, haja vista que os mesmos já não produzem mais artefatos deste material e, consultados sobre o desejo de aprender, manifestaram interesse na reprodução dos artefatos atribuídos aos “guaranis antigos”.

O curso de extensão realizado pela UFSM visou criar um diálogo entre a comunidade indígena Mbyá com a universidade em relação à introdução da confecção da cerâmica arqueológica Guarani, através da reprodução da cadeia operatória conhecida a partir das análises arqueométricas e das fontes históricas e etnográficas.

Neste sentido, observa-se um dos pilares dos projetos extensionistas, pois conforme A Política de Extensão da UFSM deve existir a:

- Interação dialógica: capacidade dos atores em atentar para o diálogo necessário a ser estabelecido entre Universidade-Sociedade, valorativo da troca de saberes e superador do discurso da hegemonia acadêmica, possibilitando a execução de ações que minorizem as desigualdades e as diversas formas de exclusão.

Temos o objetivo de oferecer novas oportunidades a esta comunidade minoritária, diminuindo as desigualdades e a exclusão, introduzindo uma forma de obtenção de renda. E assim, buscamos compreender através da cadeia produtiva e das técnicas de confecção, produzir réplicas de boa qualidade. Os elementos de fabricação das vasilhas inteiras foram ofertados a comunidade Guarani Mbyá, a fim de possibilitar o uso destas técnicas para reapropriação da cultura cerâmica Guarani na comunidade. Ainda, perceber se as comunidades fazem o reconhecimento das formas tradicionais de cerâmica e se desejam deter os conhecimentos da mesma a fim de obter formas alternativas de ganho de recursos financeiros.

O saber construído por meio da pesquisa acadêmica poderá ser socializado e apropriado pela comunidade guarani, a sua aplicação prática dar-se-á por meio das

trocas de conhecimento, até atingir níveis gestuais, técnicos e tecnológicos suficientemente capazes de atender as necessidades exigidas para um “produto/objeto” de qualidade. Gerando uma produção independente cujos produtos farão parte de uma rede federada garantindo os direitos de autoria e sua inserção no mercado com valor acrescido. A partir da problemática dos direitos de autoria das peças cerâmicas por parte dos indígenas vêm surgindo intensas discussões em torno do assunto:

[...] o debate emerge da consciência crescente de que importantes avanços tecnológicos são hoje propiciados pelo saber acumulado de comunidades tradicionais, por séculos e milênios, sem que tais comunidades deles se beneficiem. Por outro lado, ele se cruza com movimentos étnico-sociais de reivindicação de direitos históricos mas, também, com a dificuldade de exercer tais direitos, que são essencialmente do foro coletivo. (OOSTERBEEK, SOARES, CEREZER, 2013, p. 1)

Discussões sobre as distintas sociedades e sua relação com a tecnologia tem suscitado novas abordagens sobre o binômio comunidade/território. Comunidades distintas espaço e temporalmente podem ser abordadas através de suas relações com a capacidade de absorção/inação tecnológica ou captação/manutenção das relações como territorialidade. Neste sentido, podem-se desenvolver pesquisas e análises comparativas sobre sociedades tradicionais e sociedades modernas, analisando as relações estabelecidas com os binômios supracitados.

Neste sentido, em primeiro momento, ocorreu a interação entre o acadêmico Matias Benno Rempel, do curso de História (UFSM), com algumas lideranças da etnia Mbyá- Guarani a fim de verificar se os mesmos estariam interessados em desenvolver esta atividade. Em segunda instância, a oferta do curso deu-se por um dos autores (Cerezer, J.) que já domina as técnicas de confecção de cerâmica (arqueologia experimental), bem como o controle dos fatores para a realização de objetos (controle da pasta, da confecção, da gestualidade, da matéria-prima, da cozedura) e como replicar as vasilhas. O objetivo foi apresentar a metodologia a fim de capacitar os índios a reproduzir as técnicas na comunidade Guarani.

Este curso de extensão viabilizou resgatar as técnicas de produção de cultura material dos índios Guaranis e “devolvê-la” a eles, ação esta, um pouco arriscada. São poucas as discussões, no meio acadêmico, sobre o nível ou grau de intervenção que podemos ter para a inclusão de elementos tradicionais em povos originários, como nosso caso de reintrodução de técnicas de produção de cerâmica arqueológica entre os guaranis. Os pontos que nos motivam são os seguintes:

primeiramente, porque parte do princípio de que esta sociedade, de encontro a tecnologias perdidas, poderá se assim o desejar, ressignificar a antiga arte da olaria para geração de renda. Ainda, poderão reestabelecer laços com outras formas de gerenciamento de recursos naturais aos quais, por absoluta falta de oportunidade, podem ser retomadas e que hoje estão esquecidas ou em desuso, como as propriedades das argilas, etc. Também poderão retomar as relações simbólicas com o uso da cerâmica. Em uma primeira atividade de curso de extensão, ofertamos para um grupo de onze índios Mbyá-Guaranis uma prática intensiva para a realização de réplicas de recipientes cerâmicos. Realizamos em conjunto com os interessados o processo de limpeza e homogeneização das argilas, também demonstramos e ensinamos técnicas de manufatura e tratamento de superfície – não realizamos a técnica de pintura por não termos trabalhos experimentais suficientes para garantir a aplicabilidade correta da técnica – processos de secagem e armazenamentos também foram demonstrados assim como a queima em fogo aberto.

Sendo para aumentar a renda, sendo para o resgate da identidade, a cerâmica foi aceita entre os guaranis como um elemento guarani que desapareceu e hoje foi encontrado, se preferirmos, um saber que se perdeu e hoje foi redescoberto. Esta cerâmica que os “antigos faziam” é para eles apenas memória de uma identidade perdida, de objetos que não se fazem mais, mas que é do guarani, que marca uma presença em um território. Território esse que é construído e reconstruído com elementos culturais, materiais ou imateriais.

Outro fator importante é o grupo ao qual foi voltado o curso. Os Mby'a-Guaranis que participaram. Foram 11 pessoas, sendo 4 homens e 7 mulheres, de variadas idades, com uma característica em comum. Mantém a língua guarani, com pouco – em alguns casos nenhum – domínio da língua portuguesa. Este fator é importante porque, se por um lado tínhamos um curso ministrado por 'brancos' para “índios”, por outro a ação extensionista de interação contínua com o grupo trabalhado permitia um veículo de mão dupla entre os



Foto 1: Comunidade Mby'a-Guarani durante atividade.

conhecimentos tradicionais Guaranis e os saberes acadêmicos.

Por meio de pesquisa arqueológica e documental com recurso a arqueologia experimental foi possível recuperar um saber perdido: o processo de confecção e a cadeia operatória de produção arqueológica de Cerâmica Guarani. Os guaranis por serem membros do tronco Tupi e falantes da grande família linguística Tupi-guarani têm na documentação histórica do período de contato, entre europeus e nativos, um vasto acervo de informações que somados as pesquisas arqueológicas possibilitaram reconstruir gestos e técnicas esquecidas durante os últimos séculos por aqueles grupos.

O que se pretende é usar do exemplo da pesquisa sobre a tecnologia cerâmica guarani para englobar outros grupos da sociedade atual tratando-se de uma socialização do saber adquirido por meio da pesquisa acadêmica sem a imposição de um modelo estático de produção artesanal, mas sim uma ação dinamizadora com possibilidade de renda para os grupos guaranis remanescentes que hoje vivem na exclusão.

O curso foi uma ação presencial ministrada por um dos autores (Cerezer) e com auxílio de outro dos autores (Soares), e está dentro do pensamento de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, no qual, de acordo com a política de extensão da universidade:

O processo de aprendizagem passa a basear-se e a depender de observações próprias, de atitudes flexíveis, questionadoras, que decorrem do diálogo e da interação com a realidade, para compreendê-la e transformá-la". Criam-se, assim, condições para que a formação do estudante não fique restrita aos aspectos meramente técnicos e formais, passando a contemplar elementos sociais e políticos, promovendo a conscientização crítica.

Percebe-se que os grupos guaranis perderam a sua tecnologia cerâmica devido à influência da cultura branca, e através deste curso reconhecemos o anseio de parte desta comunidade em retomar o conhecimento supracitado. Mesmo que a reintrodução no grupo Mbyá tenha sido através da socialização do conhecimento adquirido de forma acadêmica, pode-se observar que os participantes ainda guardam palavras, expressões, termos que remetem ao uso da cerâmica, da tralha doméstica feita em barro, e de outras técnicas, como o esculpido, uma vez que alguns membros ainda fazem cachimbos em cerâmica. Nota-se que os indígenas

tiveram bom proveito com o curso, sendo capazes de reproduzir peças de boa qualidade e confeccionar réplicas semelhantes às aquelas existentes depositadas em museus e advindas de sítios arqueológicos.

Em trabalho já consagrado, Brochado, Monticelli e Neumann(1990) estabeleceram as regras de reconstrução gráfica de vasilhas cerâmicas através de desenhos, permitindo a reconstrução das formas aproximadas das cerâmicas pertencentes a subtradição guarani. O que foi observado entre os índios é que, com apenas dois dias de atividades práticas, conseguiram reproduzir com bastante aproximação as formas tradicionais. Neste sentido, é importante destacar o papel que esta oficina pode representar também no resgate da autoestima da comunidade, por meio da negociação de um conhecimento aparentemente perdido e que pode ser empoderado por se tratar de “coisas do Guarani antigo”, que é como os Mbyá se referiram a produção cerâmica.

4. Metodologia da oficina realizada com os Mbyás

Os acadêmicos envolvidos na realização da oficina realizaram leituras sobre a arqueologia Guarani, as análises sobre cerâmica arqueológica Guarani e arqueologia experimental. Coube aos professores autores a busca e aquisição de argilas para realizar a oficina, mesmo sem a realização de experimentos que nos permitissem conhecer elementos mecânicos das argilas, como os coeficientes de dilatação, refração, maleabilidade, etc. Neste sentido, e a partir da experiência de um dos autores (Jedson Cerezer), realizamos a coleta de argila a partir do fundo de um lago próximo ao local da oficina, a fim de observar em nível primário o comportamento da argila, como plasticidade, retração, e outros testes mecânicos sem os quais não poderiam ser confeccionadas as vasilhas.

Desta forma, iniciamos com a escolha da matéria-prima. Podemos distinguir a argila em “gorda” e “magra”. A argila “gorda” é muito plástica, e durante o cozimento, se deforma mais, já a “magra” é mais porosa e frágil devido à sílica excessiva presente, e a ligação de suas partículas não é homogênea, ocorrendo rachaduras com maior facilidade, (Bona, 2006 In. Cerezer, 2011). Com o objetivo de diminuir a plasticidade da massa, acrescentam-se materiais anti-plásticos que podem ser cerâmica moída, areia, quartzo, entre outros.

Na primeira parte do curso foi realizada uma apresentação dos ministrantes e uma explanação breve, dos objetivos do curso e se os Guaranis tinham conhecimento das pretensões dos realizadores. Após uma breve apresentação dos Mby'ás e de sua concordância formal com o objetivo do curso, e os esclarecimentos sobre o destino do material produzido por eles, foi apresentado um vídeo de autoria de Critóbal Zapata e Jedson Cerezer (Museu de Arte



Foto 2: Aula teórica.

Pré-Histórica de Mação / Instituto Terra e Memória- Mação, Portugal⁶). Neste vídeo os participantes puderam observar o processo de confecção de cerâmica a partir de roletes de argila. A partir deste vídeo e de algumas explicações, o restante do curso foi de aulas práticas. Foi explicado que a argila coletada era das imediações da universidade, sendo assim desconhecidas suas propriedades, mas que, para fins de oficina para aprendizagem da gestualidade e das técnicas de confecção, seria totalmente adequada. Para tanto, foi necessário o processo de limpeza para retirar raízes, carvão e pequenas pedras, pois essas impurezas poderiam danificar a vasilha na hora da queima, o processo final. Após, o ministrante do curso apresentou como se deve tratar a argila para se obter um bom resultado final, amassando-a uniformemente a fim de alcançar uma massa homogênea, sem a presença de bolhas de ar em seu interior e também o acúmulo excessivo de antiplásticos, o que pode provocar rachaduras na peça durante a secagem ou queima. Em seguida, caso a massa estiver com umidade elevada, a mesma, deve permanecer em descanso até adquirir o ponto certo para ser trabalhada. No dia seguinte, iniciou-se a produção dos vasos.

O processo de produção, iniciado a partir daí, pode ser resumido nas seguintes etapas:

- 1 - Processo de limpeza da argila;
- 2- Homogeneização da massa;

⁶ Disponível no site www.youtube.com, com o link: <http://www.youtube.com/watch?v=ZBdFvypzBdE>, último acesso em 16/09/2013.

- 3- Hidratação ou secagem quando necessária;
- 4- Seleção do formato da vasilha a ser produzida, característico da cultura guarani;
- 5- Formação da base da peça;
- 6- Produção dos roletes;
- 7- Inicialização da montagem da vasilha;
- 8- Tratamento interno e externo da superfície;
- 9- Secagem;
- 10- Queima.

A limpeza foi necessária porque a argila, não tendo sido adquirida em locais comerciais, estava em seu estado natural, com raízes, pedras, material orgânico em decomposição, e outros elementos macroscópicos que poderiam prejudicar a confecção ou mesmo comprometer os processos de secagem e queima. Consistia na retirada de todos estes elementos visíveis a olho nu e perceptíveis com o tato que pudessem ser observados.



Foto 3: Processo de limpeza da argila.

A homogeneização consiste em amassar a argila limpa até que esta chegasse a um grau propício para ser modelada, consistiu em fazê-la uniformemente, sempre no mesmo sentido, a fim de obter as propriedades físicas de ligação química entre as moléculas de água que constituem a massa. Este processo significa homogeneizar, e desta etapa depende o resultado final do processo. Quanto mais homogênea, maiores as chances de bons resultados.



Foto 4: Homogeneização da massa.

Quando a massa estiver com pouca umidade, se faz necessário a introdução de água para adquirir o ponto adequado para o manuseio. A umidade é um importante fator, evita que a parede da peça se rompa. Após o processo de tratamento da massa, deve-se escolher a forma que a cerâmica irá adquirir ao fim da produção. Cabe ressaltar que nem todos os formatos são representantes da cultura guarani. O próximo passo é a formação de uma base que deve sustentar o vaso durante o procedimento, parte desta, deve ser retirada da vasilha após o término da produção, dando uma forma arredondada ao fundo. Em seguida inicia-se a técnica de confecção dos roletes, cujo comprimento implicará na forma da peça. Devem ser de mesma espessura em toda a sua extensão



Foto 5: Demonstração da junção dos roletes para formar a vasilha.

para garantir uma parede uniforme. Estes devem ser sobrepostos e após, devem ser alisados internamente de tal forma que possa soldar um rolete no outro. No curso foram trabalhadas as superfícies externas: lisa e corrugada. Após o término da produção da cerâmica deve-se deixar a peça de boca para baixo em um local propício à secagem, cuja dependerá de diversos fatores, mas é importante que fique protegida de grandes variações de temperatura e umidade. Ao término deste período a vasilha passa pela cozedura, a fim de garantir sua maior durabilidade, o processo deve ser lento e progressivo para que a água restante no interior das paredes não ferva e cause rupturas.

Destaca-se ainda que o procedimento da queima, além de possibilitar maior durabilidade à peça, diz respeito também a importância mitológica aos índios Guarani.



Foto 6: Cozedura das peças.

Muitos grupos indígenas possuem mitos que falam do barro como elemento presente na criação do mundo e do homem, tendo no cozimento da argila a representação da passagem da forma crua para o cozido que mitologicamente significa a passagem da natureza para a cultura (MONTICELLI, In. BARÃO, 2007, p.08).

O processo de queima possui um papel fundamental, pois só depois da realização deste, teremos uma peça de qualidade que não irá se dissolver quando entrar em contato com a água e também não irá se romper quando for utilizada sobre o fogo, e assim, a mesma poderá ser usada conforme a sua funcionalidade. De acordo com Bona (2006),

A queima depende de três variáveis: duração, temperatura e atmosfera na qual o aquecimento é aplicado e dissipado. A queima da argila altera as características químicas e físicas e elas acontecem em sistemas controlados, como fornos ou não controlados como fogueiras. A diferença está no produto final. (BONA, 2006, p.34).

Os povos Guarani, como não possuíam meios tecnológicos e estruturais capazes de processar a queima das peças de modo controlado, utilizavam fogueiras à céu aberto. A queima de meio não controlado pode causar variantes na coloração da peça, na qual a atmosfera pode conter menos oxigênio (reduzida), sendo obtida também com auxílio da introdução da palha após a queima causando assim cores escuras, e na atmosfera com maior presença de oxigênio (oxidante), dando a vasilha uma aparência mais clara.

Em uma fogueira usando madeira, a taxa de aquecimento não é controlada, mas é muito rápida e a temperatura máxima de 700 a 900°C, é mantida brevemente antes de começar o resfriamento. A atmosfera também não é controlada, já que depende dos gases liberados pela cerâmica e pela madeira usada como combustível, assim como presença de vento. (BONA, 2006, p. 35).

Como a oficina foi realizada durante o outono, preferiu-se por deixar um período longo (mais de um mês) de secagem das peças antes de realizar a queima em área semi-aberta, no caso em tela, uma churrasqueira doméstica.



Foto 7: Peças de cerâmica após a queima.

À guisa de Conclusão

Este curso foi uma iniciativa do NEP-UFSM com a parceria de vários outros atores sociais que viabilizaram este projeto. O prof. Jedson Cerezer pôde socializar o conhecimento adquirido através de sua dissertação de mestrado sobre a arqueologia experimental e a reprodução da cadeia operatória e gestualidade para a confecção de réplicas de peças arqueológicas dos Guaranis. A partir deste conhecimento, a oferta deste curso para uma comunidade poderia passar por questionamentos de ordem antropológica, ética ou mesmo social. No entanto, como o grupo participante aceitou e acatou a sugestão do curso, buscamos estabelecer um diálogo inicial de quais seriam os seus objetivos para a participação deste. A resposta das lideranças é de que eles anteviam a possibilidade de ampliar a renda através da confecção de peças para venda, e assim, ampliar os minguados recursos financeiros.

Embora o artesanato seja uma alternativa presente em praticamente todas as comunidades, os recursos que gera são de baixa monta, pela desvalorização do artesanato indígena. Assim, a busca de formar multiplicadores do processo de confecção cerâmica e a pretensão de criar-se uma “marca” para legitimar e consolidar o processo, estão em estudo para beneficiar os Guaranis na venda de um produto que é resultado de um processo de pesquisa, de certificação de qualidade e de procedência.

Assim, pretendemos formar novas atividades neste sentido, a fim de poder empoderar estas comunidades para uma nova forma de olhar o passado, com vistas no futuro.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Marcos. Recipientes Cerâmicos de Grupos Tupi, no Nordeste Brasileiro. In: *Os Ceramistas Tupiguarani*. Prous,. e Lima (eds.). Ed. Vol. 1. Belo Horizonte. 2008, p. 67-90.

ALONSO, Franklin da Silva. O desenvolvimento cerâmico na cultura guarani. *Revista Mundo Antigo*, Rio de Janeiro, UFF, V. 02, Nº 01, p. 121-133, 2013.

BARÃO, Vanderlise Machado. O mito e o espaço nas representações artístico-culturais dos Mbyá Guarani. *Revista História em Reflexão*, UFGD – Dourados. Vol. 1, n. 2, 2007. Disponível em: http://www.historiaemreflexao.ufgd.edu.br/historiaemreflexao_ed2/O-mito-e-o-espaco-nas-representacoes.pdf

BELLETI, Jaqueline da Silva; AÑAÑA, Daniel da Silva; RAMOS, Rafaela Nunes; ZORZI, Mariciana; ULGUIM, Priscilla Ferreira; DE BEM, Emmanuel; MACIEL, Luísa Lacerda; VIANA, Jorge. Arqueologia experimental: interpretação e produção de artefatos cerâmicos. In.: *XIV Congresso de Iniciação Científica*. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 2013. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/2005/arquivos/indice_CH.html

BONA, Irene Akemy T. Estudo de Assinaturas químicas em cerâmica da tradição tupiguarani da região central do Rio Grande do Sul. *Tese de doutorado*. São Paulo, USP, 2006.

BROCHADO, José Proenza. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio – Série Arqueológica*, UFPe, número 3, pg.47-60, 1980.

BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *Anais do I Simpósio de Pré-história do nordeste brasileiro*. Clio, série arqueológica nº 4, UFPe- CNPq, pgs.85-88, 1991.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. *Revista Veritas?*, Porto Alegre, v.35, n.140, p. 727-743, 1990.

CARLE, Cláudio Baptista. Identidade M'Bya Guarani na memória das fronteiras e do patrimônio. *Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia*. N.º 5, p. 50-66, 2011.

CEREZER, Jedson Francisco. *Cerâmica Guarani. Manual de Experimentação Arqueológica*. Habilis, Erechim, 2012.

GARLET, Ivori José; SOARES, André Luis R. Cachimbos Mbyá-Guarani: Aportes etnográficos uma arqueologia Gyarani. In: *Arqueologia Histórica e Cultura material*. FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). São Paulo: UNICAMP, 1998.

GOMES, Denise Maria C. *A Amazônia antes da complexidade social: um estudo de comunidades pré-coloniais no baixo tapajós*. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/5-2y5-3/gomes.pdf>

KASHIMOTO, Emília M.; MARTINS, Gilson R. *Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul: Life, 2009.

Kashimoto, Emília M., Martins, Gilson R. A problemática da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: *Os Ceramistas Tupiguarani*. Prous, e Lima (eds.). Vol. 1. Belo Horizonte, 2008. p. 149 – 178.

MILDER, Saul Eduardo S.; ZUSE, Silvana. *Cerâmica Guarani e de contato: permanências e mudanças técnicas em uma Redução Jesuítica do início do século XVII. Anais ANPUH-RS*. 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209061193_ARQUIVO_Silvana_Zuse.pdf

MONTICELLI, G. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. *Boletim do Museu Paranense Emílio Goeldi*. Belém, v. 2, p. 105-115, 2007.

NAMI, Hugo Gabriel. Arqueologia experimental, talla de la piedra contemporanea, arte moderno y tecnicas tradicionales: observaciones actualisticas para discutir estilo en tecnologia lítica. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología XXII-XXIII*. Buenos Aires. p. 363-388, 1997-1998.

NOELLI, Francisco Silva. Sem tekohá não há teko. (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí -RS). *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PUCRS, 1993.

Noelli, F. S. José Proenza Brochado, Vida Acadêmica e a Arqueologia tupi. In: *Os Ceramistas Tupiguarani*. Prous, e Lima (eds.). Vol. 1. Belo Horizonte. 2008, p. 17 – 47.

OLIVEIRA, Dennis Mota. Insculpir e gravar: arqueologia experimental em Itacoatiaras. *TARAIRIÚ – Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB*. Campina Grande PB, Ano III, Vol.1, Número 05, p. 73-79, 2012.

PEREZ, Glauco Constantino; MOTA, Lúcio Tadeu; OLIVEIRA, Josilene Aparecida. Memória Guarani e sua representação no acervo cerâmico do sítio arqueológico Lago a Xambrê – Altônio – PR. *Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"*. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/glauco.PDF>

SCHIAVETTO, Solange Oliveira. A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena. *Annablume*, São Paulo, 2002.

SOARES, André Luis R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Série Arqueologia 4. Porto Alegre: EdIPUCRS, 1997.

SOARES, André Luis R. Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PUCRS, 1996.

SOARES, André Luis R. Os horticultores Guaranis: problemáticas, perspectivas e modelos. In: *Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. QUEVEDO, Júlio (org.) Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. p. 61-101.

SOARES, André Luis R.; Garlet, Ivori. Parcialidades Guarani: Em busca de uma visão diacrônica. *Histórica, Revista da Associação dos Pós -Graduandos em História da PUCRS*. Porto Alegre, N.03, pgs. 53-58, 1998.

SOARES, André Luis R.; CEREZER, Jedson Francisco; OOSTERBEEK. Arqueologia experimental e direitos de propriedade. In: *Patrimônio Cultural, Direito e Cidadania*. CAMPOS, Juliano Bitencourt; ENGELMANN Filho, Alfredo; PREVE, Daniel Ribeiro (eds)., 2013.

Política de Extensão da UFSM, Santa Maria, 2007. Disponível em www.ufsm.br/pre

OOSTERBEEK, L.; SOARES, A. L. R.; CEREZER, J.F. Arqueologia experimental e direitos de propriedade, para a revista. In: *Patrimônio Cultural, Direito e Cidadania – no prelo*. CAMPOS, Juliano Bitencourt; ENGELMANN Filho, Alfredo; PREVE, Daniel Ribeiro (eds). 2013.